



DESVENDANDO O SAGRADO: *TORTO ARADO* E A COMPLEXIDADE DA REALIDADE BRASILEIRA

UNVEILING THE SACRED: *TORTO ARADO* AND THE COMPLEXITY OF BRAZILIAN REALITY

DESCUBRIENDO LO SAGRADO: *TORTO ARADO* Y LA COMPLEJIDAD DE LA REALIDAD BRASILEÑA

 Pablo Emmanuel Araújo Dias<sup>1</sup>

 Ana Paula Santos Silva<sup>2</sup>

1. Graduação em Letras – Inglês (UEPB). Mestrado em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). E-mail: [tipabloemmanuel@gmail.com](mailto:tipabloemmanuel@gmail.com)
2. Graduanda em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande/PB. E-mail: [imanapaulas@gmail.com](mailto:imanapaulas@gmail.com)

**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise da obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, explorando a riqueza simbólica e cultural presente na narrativa e destacando a intrínseca relação entre o Sagrado e a trama. A pesquisa aborda a confluência de religiões, com ênfase nas influências da matriz africana e indígena, ressaltando a positiva conexão da obra com a religião afro-brasileira. No decorrer dos eventos que entrelaçam trabalho árduo, subserviência e misticismo, destaca-se a resistência espiritual e cultural da comunidade, especialmente sob a liderança espiritual de Zeca. O autor também enfatiza a crítica à perspectiva filosófica ocidental e sublinha o papel do romance ao proporcionar voz às minorias, revelando uma realidade frequentemente silenciada no Brasil e simbolizada pela faca como representação de um país dividido pela violência e racismo. Nesse contexto, a pesquisa busca demonstrar como a religião, enquanto aspecto cultural, pode interferir em uma realidade social específica. Utilizando métodos qualitativos e analíticos em uma abordagem bibliográfica embasada nas teorias de Candido (1967, 2000), Goldmann (1967), Howe (1998) e Lucas (1970), a análise revela um caráter de contestação na literatura, que, ao abordar questões sociais e culturais na esfera ficcional, busca denunciar as adversidades que afligem as camadas mais vulneráveis da sociedade e afirmar a identidade de um povo.

**Palavras-chave:** Sagrado; *Torto Arado*; Literatura brasileira; Romance.

**ABSTRACT:** The article presents an analysis of the work *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior, exploring the symbolic and cultural richness present in the narrative and highlighting the intrinsic relationship between the Sacred and the plot. The research addresses the confluence of religions, with an emphasis on the influences of African and indigenous roots, highlighting the positive connection of the work with Afro-Brazilian religion. Throughout the events that intertwine hard work, subservience, and mysticism, the spiritual and cultural resistance of the community stands out, especially under the spiritual leadership of Zeca. The author also emphasizes the critique of Western philosophical perspective and underscores the role of the novel in giving voice to minorities, revealing a reality often silenced in Brazil and symbolized by the knife as a representation of a country divided by violence and racism. In this context, the research seeks to demonstrate how religion, as a cultural aspect, can interfere in a specific social reality. Using qualitative and analytical methods in a bibliographic approach based on the theories of Candido (1967, 2000), Goldmann (1967), Howe (1998), and Lucas (1970), the analysis reveals a character of contestation in literature, which, by addressing social and cultural issues in the fictional sphere, seeks to denounce the adversities that afflict the most vulnerable layers of society and affirm the identity of a people.

**Keywords:** Sacred; *Torto Arado*; Brazilian literature; Novel.

**RESUMEN:** El artículo presenta un análisis de la obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, explorando la riqueza simbólica y cultural presente en la narrativa y destacando la relación intrínseca entre lo Sagrado y la trama. La investigación aborda la confluencia de religiones, con énfasis en las influencias de la matriz africana e indígena, resaltando la conexión positiva de la obra con la religión afrobrasileña. A lo largo de los eventos que entrelazan trabajo arduo, sumisión y misticismo, destaca la resistencia espiritual y cultural de la comunidad, especialmente bajo el liderazgo espiritual de Zeca. El autor también enfatiza la crítica a la perspectiva filosófica occidental y subraya el papel de la novela al dar voz a las minorías, revelando una realidad frecuentemente silenciada en Brasil y simbolizada por el cuchillo como representación de un país dividido por la violencia y el racismo. En este contexto, la investigación busca demostrar cómo la religión, como aspecto cultural, puede interferir en una realidad social específica. Utilizando métodos cualitativos y analíticos en un enfoque bibliográfico basado en las teorías de Candido (1967, 2000), Goldmann (1967), Howe (1998) y Lucas (1970), el análisis revela un carácter de contestación en la literatura, que, al abordar cuestiones sociales y culturales en la esfera ficción, busca denunciar las adversidades que afligen a las capas más vulnerables de la sociedad y afirmar la identidad de un pueblo.

**Palabras-clave:** Sagrado; *Torto Arado*; Literatura brasileña; Novela

Recebido em: 16/10/2023

Aprovado em: 03/12/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## Introdução

O romance *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior conduz os leitores a uma comunidade afrodescendente na Chapada Diamantina, Bahia, imersa em uma religiosidade peculiar chamada jarê. O enredo desvela as adversidades enfrentadas por essa população, sujeita a condições de trabalho análogas à escravidão, privação de terra e isolamento social. As protagonistas, duas irmãs, mantêm uma ligação profunda com o jarê, que influencia o desfecho de suas histórias e seus papéis enquanto mulheres naquela comunidade.

A pesquisa visa evidenciar como a religião, enquanto aspecto cultural, interfere em uma realidade social marcada por resquícios da escravização laboral, gerando implicações profundas no modo de vida retratado na obra. Surge, assim, a necessidade de discutir essa realidade, alertando para a exploração e precarização do trabalho humano, além de compreender aspectos relacionados à exclusão do povo negro nos espaços sociais do Brasil, enquanto examina a representação identitária da mulher na narrativa.

Lançado primeiramente em Portugal em 2018 e posteriormente no Brasil em 2019, *Torto Arado* conquistou reconhecimento internacional com prêmios como *LeYa* (2018), *Jabuti* e *Oceanos* (2020). O autor, geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos, Itamar Vieira Junior, retrata uma face da realidade frequentemente negligenciada, buscando mostrar um "Brasil profundo" permeado por injustiça, exclusão e abandono governamental.

Em uma entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 15 de fevereiro de 2021, disponível no Youtube no canal homônimo, o autor explicita sua intenção de ir além da ficção, buscando expor um "Brasil profundo" permeado por injustiça, exclusão e abandono governamental. Inspirando-se na produção literária das gerações de 30 e 45, especialmente em autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, Itamar insere-se na tradição de obras que se desenvolvem tanto pela força da inspiração individual quanto pela influência de outras literaturas (CANDIDO, 2000, p. 24).

Ao lado da ênfase no elemento indígena, a obra adota o critério de contrastar o litoral ao interior, onde o litoral, rico e densamente povoado, se confunde com o pensamento cosmopolita, enquanto as populações interioranas abandonadas representam o verdadeiro Brasil. Surge assim a grande corrente sertanista, que enxerga o elemento nacional e singular da cultura brasileira nos costumes e falares do interior do país (LUCAS, 1970, p. 25-26).

Dessa forma, *Torto Arado* narra uma vida marcada pela aridez do espaço rural, um elemento recorrente nas obras da geração de 30. No entanto, de maneira única, o romance atualiza essa temática, integrando-a a questões étnico-raciais e fundiárias, demonstrando que tais problemáticas persistem no campo brasileiro e exercem impacto significativo sobre o leitor. Essa abordagem peculiar evidencia a habilidade do autor em dialogar com a tradição literária e, ao mesmo tempo, introduzir novos elementos que enriquecem a compreensão da realidade brasileira.

Na tradição literária das gerações de 30 e 45, inspirando-se em autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, Itamar revela um Brasil desconhecido e esquecido. A obra atualiza a temática rural ao abordar questões étnico-raciais e fundiárias, ressaltando a persistência dessas problemáticas no campo brasileiro e impactando o leitor de maneira única.

A pesquisa, centrada na análise do romance, especialmente no aspecto religioso, fundamenta-se nas teorias de Antonio Candido (1967, 2000), Fábio Lucas (1970), Lucien Goldmann (1967) e Irving Howe (1998). Estes, renomados na crítica brasileira e internacional, contribuem significativamente para a

compreensão da obra. Além das questões étnico-raciais e fundiárias, o romance detalha a riqueza cultural da população rural baiana, explorando festas, rituais, crenças e tratamento de enfermidades.

A temática do jarê ganha destaque na obra, revelando-se como elemento de insubordinação e criticando, segundo Goldmann (1967), aspectos do cotidiano e da sociedade. A pesquisa se torna relevante ao trazer informações sobre um credo pouco conhecido no Brasil, o jarê, exclusivo da Chapada Diamantina, evidenciando sua função social e contribuição para a compreensão do contexto. Em consonância com Candido (2000), a pesquisa reconhece que o texto é uma integração de elementos sociais e psíquicos, essenciais para interpretá-lo. Investigar essa vertente religiosa e seu poder de comunicação em uma sociedade de excluídos torna-se, portanto, pertinente para entender a dinâmica do romance e suas implicações para os leitores contemporâneos.

### **Entre Palavras e Vivências: A Jornada Literária de Itamar Vieira Júnior na Construção de *Torto Arado***

Para compreender a fundo a vitalidade de *Torto Arado*, é essencial explorar os aspectos externos e extratextuais que moldaram sua trajetória desde a concepção até a publicação da versão final. Itamar Vieira Júnior, nascido na periferia de Salvador em 1979, construiu uma sólida formação acadêmica com graduação e mestrado em geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mais tarde, concluiu um doutorado na área de Estudos Étnicos e Africanos, direcionando sua pesquisa para o estudo de comunidades quilombolas na Chapada Diamantina.

Desde a infância, como destacado por Itamar Vieira Junior (2021d), seu fascínio pela leitura e literatura era evidente. Sua paixão pela ficção o levou a frequentar bibliotecas públicas e pedir livros emprestados a vizinhos. Sobre sua conexão com a ficção, o escritor baiano declara: "Eu sou apaixonado por literatura desde muito cedo; os primeiros livros que li me marcaram de uma maneira tão definitiva que naquele momento eu disse: 'Eu quero ser escritor' e nem sabia exatamente o que era isso" (VIEIRA JUNIOR, 2022a).

Essa revelação destaca não apenas a trajetória acadêmica de Itamar, mas também sua ligação intrínseca com a literatura desde os primeiros anos de vida. Essa paixão precoce pela leitura moldou seu destino como escritor, influenciando diretamente a qualidade e a profundidade de suas obras literárias, como é o caso de *Torto Arado*.

As incursões iniciais de Itamar Vieira Junior na escrita literária foram moldadas por suas experiências como ávido leitor. Aos 16 anos, ele dá os primeiros passos na criação da primeira versão de *Torto Arado*. Ao refletir sobre essa fase, o autor compartilha:

[...] é um romance que me acompanha há muito tempo. A primeira tentativa de escrevê-lo foi na adolescência ainda, eu tinha só 16 anos, mas estava profundamente marcado pelas leituras dos romances da geração de 30 e 45, principalmente os romances que se passam no Nordeste brasileiro, aí temos a Rachel de Queiroz, o Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, são muitos. [...] Claro, eu não tinha maturidade pra escrever esse romance. Eu cheguei a escrever 80 páginas, mas essas páginas se perderam numa mudança que fizemos [...] (VIEIRA JÚNIOR, 2021c).

Nessa versão inicial, conforme recorda Vieira Junior (2021c), as protagonistas já eram duas irmãs que mantinham uma conexão profunda entre si, com o pai e com a terra. O enredo já direcionava sua atenção

para questões relacionadas à terra, embora muitas das temáticas presentes na versão final ainda não estivessem presentes, refletindo a superficialidade inerente à sua falta de experiência na época. No entanto, ao longo dos anos, a maturidade adquirida pelo autor impulsionaria uma nova abordagem, caracterizada por uma complexidade temática notável, ao contrário das páginas iniciais que foram perdidas.

Além disso, o relacionamento duradouro de Itamar Vieira Junior com a literatura também desempenhou um papel significativo na escolha do título para o romance. Em uma entrevista ao programa "Roda Viva" da TV Cultura, Vieira Junior (2021a) revela que o título é inspirado em um verso do poema "Marília de Dirceu" de Tomás Antônio Gonzaga. Essa intertextualidade destaca a riqueza literária e a profunda influência das obras clássicas na criação de *Torto Arado*.

Diante do panorama árduo testemunhado como servidor público, a necessidade de criar um romance que explorasse essas questões tornou-se imperativa para Itamar Vieira Júnior (2021c). Para o autor, a história de *Torto Arado* é uma forma de revelar a realidade do campo brasileiro, destacando a vivência dos trabalhadores rurais, indígenas e quilombolas. As experiências como servidor público e as histórias ancestrais transmitidas por seu pai, que viveu em uma comunidade chamada "Coqueiro do Paraguaçu", permeiam o enredo do romance, proporcionando uma riqueza de detalhes culturais que moldam o espaço e as personagens.

*Torto Arado* narra a história de Bibiana e Belonísia, filhas de trabalhadores rurais afrodescendentes no sertão baiano, cujos antepassados foram vítimas da escravidão. A vida dessas irmãs é transformada quando, na infância, encontram uma faca pertencente à avó paterna Donana. Esse incidente fortalece a conexão entre elas, tornando-as cada vez mais próximas. Conforme crescem, enfrentam lutas, desafios e opressões, enquanto percebem a crescente ligação com a terra e com seu pai, líder religioso local.

A ausência de uma demarcação cronológica clara no enredo, uma escolha deliberada do autor, visa instigar a curiosidade do leitor. Itamar Vieira Júnior (2021a) destaca que a intenção é permitir que o leitor deduza o tempo da narrativa através de pistas e referências sutis. Mesmo sem uma marcação explícita, é possível inferir que a história se passa nas décadas de 1970/80.

A narrativa em primeira pessoa, dividida entre as perspectivas das protagonistas e da entidade do jarê, Santa Rita Pescadeira, proporciona uma visão mais ampla e onipresente da história. Essa escolha narrativa, segundo o autor, busca aproximar as protagonistas do leitor, enfatizando a força e a representatividade feminina na trama. Assim, a trama de *Torto Arado* vai além de uma simples narrativa, buscando proporcionar uma experiência imersiva e reflexiva sobre a complexidade da realidade brasileira, abordando questões sociais, culturais e identitárias com profundidade.

### **Caminhos do Sagrado: Reflexões sobre o Jarê em *Torto Arado***

*Torto Arado* revela uma expressão religiosa singular conhecida como jarê, uma manifestação de fé com origens e desenvolvimento exclusivos na Chapada Diamantina, uma região caracterizada por seu clima semiárido e topografia serrana no estado da Bahia. De acordo com Banaggia (2017), o principal estudioso contemporâneo do jarê, o surgimento dessa religião está intrinsecamente ligado aos fluxos migratórios no final do século XVIII e início do XIX, especialmente envolvendo pessoas negras escravizadas que desempenhavam papéis laborais no garimpo, visando a extração de diamantes na Chapada.

A memória desse contexto histórico ressoa nas narrativas das personagens mais idosas da trama, transmitida de forma oral às gerações mais jovens. Essa tradição oral não apenas enriquece a trama de *Torto Arado* com nuances culturais, mas também destaca a importância do jarê como um elemento de resistência

e continuidade da identidade cultural afrodescendente na região. O romance não apenas explora a religiosidade em si, mas também contextualiza a herança cultural, proporcionando uma compreensão mais profunda da complexidade histórica e social da comunidade retratada.

Muito antes de nós, é o que dizem, chegou para cá muita gente, vindo com a notícia de que haviam sido encontradas minas de diamantes. [...] o que sabemos é que essa notícia trouxe mais escravos, trabalhadores livres, consulado de país estrangeiro para o interior e companhia de mineradores, tudo para retirar o diamante das serras. Sabe-se também que muito sangue foi derramado. [...] esta terra viveu em guerra de coronéis por muitos e muitos anos. Para trabalhar no garimpo vieram muitos homens escravizados das vizinhanças da capital, dos engenhos que já não tinham mais a importância de antes, e das minas de ouro das Gerais (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

Durante o regime escravocrata, a mão de obra destinada à atividade de mineração na região da Chapada Diamantina não apenas consistia em pessoas provenientes diretamente da África, mas também incluía trabalhadores de diversas localidades do Brasil. Banaggia (2017) destaca que o desenvolvimento histórico do jarê, uma expressão religiosa peculiar, acompanhou esse movimento, tendo as cidades de Lençóis e Andaraí, nas lavras, como berço desse sistema de crenças.

À medida que essas cidades se consolidavam, formaram-se povoados nas proximidades, dedicados à produção agrícola para abastecer as áreas de mineração. Essa dinâmica contribuiu para a formação das fazendas representadas na obra, como a "Água Negra" e a "Caxangá". A instalação de uma população negra nesse espaço foi o ponto de partida para o surgimento de uma religião de matriz africana, descrita por Alves e Rabelo (2009) como uma vertente menos ortodoxa do candomblé. Essa tradição resultou de um complexo processo de fusão, onde influências dos cultos Bantu-Yoruba se entrelaçaram com elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo Kardecista. Para Alves e Rabelo (2009):

representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde à influência dos cultos Bantu-Yoruba sobrepusera-se elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo Kardecista (ALVES; RABELO, 2009, p. 1-2).

O jarê, conhecido popularmente como "candomblé de caboclos", teve suas origens nas práticas das "nagôs", senhoras afrodescendentes. Devido à presença de grupos indígenas na região, essa expressão religiosa passou por um processo de sincretismo afroindígena, incorporando posteriormente elementos das crenças do catolicismo rural. O resultado é uma manifestação religiosa única e intrinsecamente ligada à história e à cultura dessa comunidade específica na Chapada Diamantina.

A influência do componente cultural indígena na configuração do jarê é um fenômeno intrinsecamente ligado ao contato entre dois grupos distintos: os nativos e os imigrantes. No contexto da obra de Itamar Vieira Junior, essa interação é evidenciada de maneira marcante por meio da personagem Maria Cabocla, vizinha de Belonísia, que é continuamente afligida pela violência doméstica.

Só naquele momento vi de forma mais clara o rosto de Maria Cabocla, com sua pele acobreada de índia. De Maria guardava, sobretudo, as histórias das muitas fazendas por onde havia andado. Da avó que havia sido pega no mato a dente de cachorro (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 119).

O legado ancestral de Maria Cabocla, dentro dessa expressão religiosa, está profundamente vinculado às entidades que, ao longo do tempo, foram integralmente incorporadas. Dessa forma, "as entidades passaram a ser chamadas todas de modo quase indistinto de 'caboclos', ainda que sua divisão em conjuntos específicos [...] por vezes enfatize ou atenuie o caráter africano ou indígena de cada agrupamento" (BANAGGIA, 2017, p. 126). No universo de *Torto Arado*, essas entidades são designadas como encantados, e sua composição abrange figuras místicas indígenas, orixás e alguns santos católicos.

Minha avó retirou o cordão com um crucifixo de seu pescoço e passou pela cabeça do filho. „O velho Nagô me acompanha, mãe. “[...] „Que os caboclos e os guias o acompanhem “, as palavras roçaram a boca de Donana. „Que o acompanhem Sete-Serra, Iansã, Mineiro, Marinheiro, Nadador, Cosme e Damião, Mãe d’Água, Tupinambá, Tomba-Morro, Oxóssi, Pombo Roxo, Nanã (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 183).

Ao longo da narrativa, para além da menção de seus diversos nomes, são destacadas as matrizes das quais emanam, conferindo-lhes uma espécie de classificação distintiva. As divindades do jarê são agrupadas de acordo com sua natureza e comportamento, proporcionando uma rica complexidade à trama. Esse processo de categorização das entidades acrescenta camadas de significado à expressão religiosa, evidenciando as nuances das influências culturais e espirituais que convergem para moldar o cenário do jarê na obra. Essa abordagem detalhada contribui para a compreensão mais profunda das crenças e práticas religiosas presentes no contexto da Chapada Diamantina, permitindo aos leitores mergulhar nas complexidades desse universo religioso.

Havia profundidade nos olhares, nas preces, nos encantados, índios, negros, brancos, santos católicos, caboclos das matas, chegando um após o outro, e preenchendo o vazio dos campos da caatinga: sem deus, sem remédio, sem justiça, sem-terra (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 259).

Essas entidades, dotadas de atributos espirituais, participam ativamente das celebrações ao incorporarem os corpos dos presentes. Em ocasiões especiais, são homenageadas, como exemplificado no romance, no episódio que descreve a festa anual em louvor de São Sebastião ou de Santa Bárbara. Essas solenidades se destacam por apresentar músicas instrumentalizadas, danças e por impulsionar a vida social da comunidade.

De maneira geral, o jarê se distingue por suas festividades e rituais de cura. De acordo com Alves e Rabelo (2009, p. 5), "as principais atividades realizadas em um terreiro de jarê são as revistas e o trabalho." Nos rituais de cura, o primeiro momento é denominado revista, constituindo-se como uma consulta privada na qual participam apenas o curador e seu cliente.

A exploração desses rituais no contexto do romance *Torto Arado* adiciona não apenas elementos culturais ricos à narrativa, mas também aprofunda a compreensão da complexa interação entre o sagrado, o social e o individual. Ao destacar a importância das celebrações e rituais, a obra oferece uma visão detalhada do papel do jarê na vida das personagens, enriquecendo a experiência do leitor ao desvendar os aspectos espirituais e sociais desse universo religioso específico.

Donana tentou de todo jeito fazer com que o filho retornasse do encanto. [...] consultou o curador João do Lajedo, conversou com outros curadores, e todos diziam que não havia muito a fazer, que ela estava em dívida com os encantados porque se negava a cumprir sua missão na terra (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 168).

Na revista, o curador, também conhecido como pai de santo, elabora uma narrativa para explicar as causas das enfermidades do cliente e prescreve o tratamento, que pode incluir desde medicamentos convencionais até o uso de ervas ou participação em cerimônias públicas. Os motivos apontados, frequentemente, têm origem em questões espirituais. Um exemplo disso é retratado por Vieira Junior (2019) no trecho: "Zeca Chapéu Grande havia colocado sua mão sobre a cabeça dos que agora se abaixavam e rezavam por sua alma, em reverência. Cada um tinha uma história de loucura, de bebida, de quebranto e mau-olhado" (p. 171).

Conforme destacado por Alves e Rabelo (2009), o principal método terapêutico indicado pelo curador para lidar com as aflições de seus clientes é o trabalho. Esse ritual público tem como propósito "fechar" o corpo da pessoa e restabelecer o equilíbrio perdido com as forças espirituais.

Essa dinâmica terapêutica apresentada no contexto do jarê, conforme explorada em *Torto Arado*, revela não apenas a interseção entre o espiritual e o físico, mas também destaca a importância da comunidade na cura e no equilíbrio individual. Os métodos terapêuticos descritos na narrativa ilustram a complexidade e a riqueza cultural dessa manifestação religiosa, proporcionando uma perspectiva aprofundada sobre a interação entre o sagrado, a saúde e a busca por harmonia.

Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital da capital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33).

Na fase final do processo de cura, denominada resguardo, ocorre um período de reclusão no terreiro, durante o qual o curador exerce controle sobre as atividades e a alimentação do cliente (ALVES; RABELO, 2009, p. 12). Essa etapa é representada na obra como internações na casa dos curadores, especialmente nos casos de loucura.

É essencial destacar a relevância da figura da parteira nesse contexto sagrado, que, em segundo plano, desempenha contribuições sociais singulares. Donana e Salustiana, mãe e esposa de Zeca Chapéu Grande, respectivamente, personificam essa função. Vieira Junior (2019) retrata: "Passei a acompanhar Salu quase toda semana para ajudar as mulheres no parto. [...] seguia de casa em casa para pegar criança, com as forças do Velho Nagô, lembrava sempre, e se regozijava com o 'Deus lhe pague'" (p. 105). A influência dos caboclos também é evidente nessa tarefa, com a orientação do Velho Nagô, um encantado que acompanha Salustiana.

Outra peça fundamental para esse credo é o líder religioso, tradicionalmente chamado de curador ou pai de santo. Essa personalidade é revestida de poderes místicos, emprestando seu corpo aos encantados e conduzindo festividades de cura. Em *Torto Arado*, Zeca Chapéu Grande, pai das protagonistas, assume esse papel.

O curador Zeca Chapéu Grande detém habilidades místicas extraordinárias. Transforma-se em diversas entidades, ações que evidenciam seu domínio espiritual. Essa capacidade de incorporar diferentes energias e entidades ressalta o papel central do líder religioso no contexto do jarê, simbolizando a ligação entre o plano terreno e o espiritual. Essa complexidade da figura do curador contribui para a riqueza e a profundidade do universo religioso apresentado na obra, fornecendo uma visão mais completa das práticas e crenças que permeiam a trama.

O curador Zeca Chapéu Grande tudo podia. Se transformava em muitos encantados nas noites de jarê. Mudava a voz, cantava, rodopiava ágil pela sala, investido dos poderes dos espíritos das matas, das águas, das serras e do ar. Meu pai curava loucos e bêbados (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 126).

A seleção de um curador de jarê, de maneira semelhante, está intrinsecamente ligada a um plano sobrenatural. Conforme indicado por Alves e Rabelo (2009), essa designação é imposta pelos caboclos a uma pessoa, que é afligida por transtornos e complicações, frequentemente de natureza mental, até que aceite seu chamado.

Essa imposição sobrenatural sublinha a natureza transcendental da função do curador no contexto do jarê. Não é uma escolha consciente ou uma decisão pessoal, mas sim uma designação que vem acompanhada de desafios e tribulações. O processo de aceitação desse chamado é permeado por experiências que transcendem o domínio do ordinário, conectando-se diretamente ao sobrenatural e demonstrando a complexidade das relações entre o plano espiritual e o terreno nessa manifestação religiosa específica. Essa dinâmica adiciona camadas de significado à posição do curador, destacando sua importância e vinculação intrínseca com as forças espirituais que regem o jarê.

Zeca, quase homem-feito, passou a ter fortes dores de cabeça. [...] deitava no chão, encolhido, sem comer ou dormir. Se passaram dias e Zeca começou a gritar como um animal de caça, lançando gemidos por todo canto, os olhos percorrendo o espaço e as pessoas. Donana viu que sua resistência havia feito com que o filho mais velho enlouquecesse (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 168)

A trajetória da personagem Zeca Chapéu Grande revela a intricada interconexão entre o destino hereditário e as escolhas individuais no contexto do jarê. Ao recusar acatar a vontade dos encantados, a mãe de Zeca acabou transmitindo a ele a responsabilidade de se tornar um curador para escapar dos infortúnios que recaíram sobre sua família. Este aspecto da trama ressalta não apenas a força dos elementos sobrenaturais, mas também a inevitabilidade de certos destinos que permeiam a narrativa.

A posição de Zeca como curador não apenas o coloca em uma posição de destaque espiritual, mas também confere a ele uma autoridade significativa dentro da comunidade. Sua liderança espiritual é crucial para manter a ordem entre as famílias locais, demonstrando como o jarê não é apenas uma questão espiritual, mas também desempenha um papel central na coesão social e na resolução de conflitos.

A intervenção de Zeca vai além do âmbito espiritual, estendendo-se para questões sociais e comunitárias. Ele se torna uma figura respeitada não apenas entre os adeptos do jarê, mas também entre pessoas influentes que não fazem parte de sua classe social. Essa influência é evidente nas situações em que outros membros da comunidade, como Sutério e herdeiros, buscavam a intervenção de Zeca para mediar conflitos diversos.



Essa dualidade na função de Zeca como curador ilustra como o jarê, além de atender às necessidades espirituais, fornece um arcabouço para a sobrevivência em um ambiente marcado pela exploração e violência. O jarê não é apenas uma expressão religiosa; é também um sistema de apoio e resistência, moldando as dinâmicas sociais e individuais em meio às adversidades retratadas na obra.

Zeca Chapéu Grande havia mantido os moradores da fazenda unidos, foi liderança do povo por anos, e sem permitir que infligissem maus-tratos a nenhum trabalhador da fazenda, muitas vezes interveio, sem afrontar Sutério, para impedir injustiças maiores que as que já existiam. Graças às suas crenças, havia vigorado uma ordem própria, o que nos ajudou a atravessar o tempo até o presente” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 196).

Da mesma forma, a estrutura do jarê não apenas desempenha um papel espiritual, mas também serve como alicerce para a organização social de seus praticantes. A religiosidade do jarê está intrinsecamente entrelaçada ao modo de vida de seus seguidores, estabelecendo vínculos de solidariedade e fraternidade. Esses laços não apenas conectam os membros da comunidade, mas também os fortalecem, capacitando-os a permanecer unidos e resilientes diante das adversidades que enfrentam.

A configuração social proporcionada pelo jarê transcende a esfera espiritual e se manifesta nas relações cotidianas dos praticantes. A comunidade formada em torno dessa expressão religiosa torna-se uma rede de apoio fundamental, onde os valores de solidariedade e fraternidade são fundamentais para enfrentar as dificuldades impostas pelo ambiente circundante.

Dessa forma, o jarê não é apenas um conjunto de práticas espirituais, mas também um elemento vital na construção de uma comunidade coesa e resistente. A religiosidade se entrelaça com a vida diária, proporcionando um alicerce sólido para que seus fiéis enfrentem as agruras da vida em conjunto, consolidando a importância dessa expressão religiosa como uma força integradora e fortalecedora na vida da comunidade.

Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

A principal forma de parentesco nesse contexto residia na ligação estreita entre o curador e seus filhos de santo. Todos os membros da comunidade, de alguma maneira, eram espiritualmente adotados por esse guia espiritual. Além disso, ao longo de toda a narrativa, as características distintivas desse credo permeiam a trama, revelando sua riqueza e expressividade. Esse elemento crucial proporciona voz a uma de suas entidades, que assume o papel de narradora no desfecho da história.

O jarê, portanto, não apenas representa uma marca visível da identidade desse povo, mas também desempenha um papel fundamental na formação de sua cultura. Mesmo diante de situações de exclusão histórica, o jarê permanece resiliente, resistindo ao tempo e preservando a herança espiritual e cultural desse grupo. Essa persistência reforça a importância do jarê não apenas como uma prática religiosa, mas como um elemento vital na preservação da identidade e na construção da história dessa comunidade.

## Considerações finais

Adicionalmente, é essencial destacar que a pesquisa revelou como a representação do jarê em *Torto Arado* vai além de uma mera descrição de práticas religiosas. A obra se destaca por proporcionar uma compreensão profunda da interconexão entre essa expressão religiosa e a história da Chapada Diamantina. Através de sua trama intrincada, o romance oferece um olhar abrangente sobre como o jarê surge como resposta a eventos históricos específicos, consolidando-se como parte integrante da identidade cultural dessa comunidade.

A análise dos rituais e festividades do jarê na narrativa contribui para a percepção de que essa manifestação religiosa não é apenas uma prática espiritual, mas também um componente vital na construção ética e cultural do grupo retratado. Os rituais não são apenas cerimônias simbólicas, mas desempenham um papel ativo na preservação da coesão social, na transmissão de valores e na resistência contra as adversidades.

*Torto Arado* transcende, assim, a simples representação literária ao servir como um documento que lança luz sobre a riqueza e a complexidade do jarê, oferecendo uma janela para as tradições e a espiritualidade desse povo. O livro, ao detalhar esses aspectos, não apenas enriquece a trama, mas também contribui para a valorização e compreensão mais profunda de uma prática religiosa muitas vezes marginalizada.

Na experiência do leitor, a obra se revela como um agente transformador, desafiando preconceitos e estigmas associados às práticas espirituais afrodescendentes. *Torto Arado* convida o público a deslocar-se para além das fronteiras de sua própria realidade, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla da diversidade cultural presente no Brasil.

Ao seguir os passos de grandes nomes literários, o autor, Itamar Vieira Júnior, não apenas contribui para a construção de um legado literário, mas também se integra ao diálogo mais amplo sobre identidade e resistência cultural. Através de sua narrativa, ele se une a uma tradição de escritores que, ao contar histórias específicas, revelam as complexidades e nuances da sociedade brasileira, oferecendo um convite à reflexão e à apreciação da diversidade cultural que permeia o país.

## Referências

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. **O Jarê – religião e terapia no candomblé de caboclo**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT, 5., 2009, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>> Acesso em: 18 novembro. 2023.

BANAGGIA, G. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. **Revista de @ntoplogia da UFSCar**, v. 2, n. 9, 2017. Disponível em: <[http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/07\\_Gabriel\\_Banaggia.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/07_Gabriel_Banaggia.pdf)> Acesso em: 15 outubro. 2023.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

GOLDMANN, L. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LUCAS, F. **O Caráter Social da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. Entrevista concedida ao programa Roda Viva – 15/02/2021. **Roda Viva**, 2021a. 1 vídeo (1h 31 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mu9iUc2UHBQ&t=3873s>> Acesso em: 23 outubro. 2023

VIEIRA JUNIOR, I. O lavrador, Itamar Vieira Júnior luta pela reforma agrária, enquanto colhe os louros de ser o maior escritor do Brasil hoje. Entrevista concedida à Ecoa, plataforma de jornalismo do Uol. **ECOIA Uol**, 2021b. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/itamar-vieira-jr-trabalha-pelareforma-agraria-enquanto-colhe-louros-de-ser-maior-escritor-brasileiro-hoje-/>> Acesso em: 23 outubro. 2023

VIEIRA JUNIOR, I. Entrevista concedida ao programa Entrelinhas - episódio 18 | 18/03/2022. **TV Cultura**, 2022a. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5ZHTX\\_h2BjA&t=314s](https://www.youtube.com/watch?v=5ZHTX_h2BjA&t=314s)> Acesso em: 23 outubro. 2023

VIEIRA JUNIOR, I. QUARTA Capa #24: Itamar Vieira Junior - Caminhando através da paisagem (Entrevista). **Todavia**, 2022b. 1 vídeo (43 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_kjyfXXCR4](https://www.youtube.com/watch?v=V_kjyfXXCR4)> Acesso em: 23 outubro. 2023

VIEIRA JUNIOR, I. “O Brasil está encalhado no passado, que resiste em ser superado”. Entrevista concedida à Rádio Brasil de Fato. **Brasil de Fato**, 2021c. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/10/itamar-vieira-jr-o-brasilesta-encalhado-no-passado-que-resiste-em-ser-superado>> Acesso em: 23 outubro. 2023

VIEIRA JUNIOR, I. Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo Nordeste no livro mais vendido do Brasil. Entrevista concedida à revista Forbes. **Forbes**, 2021d. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformouandancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>> Acesso em: 23 outubro. 2023.